



## **A melodia oculta: ecoando as notas do epistemicídio no estágio de educação musical**

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO ORAL EM SIMPÓSIO TEMÁTICO

SIMPÓSIO TEMÁTICO 1: Música e Pensamento Afrodiaspórico

*Raoni da Cruz Frazão*  
*Universidade Federal de Goiás*  
*raonifrazao@gmail.com*

*Dra. Thaís Lobosque Aquino*  
*Universidade Federal de Goiás*  
*tlobosque@ufg.br*

**Resumo.** Este relato de experiência busca articular o epistemicídio e as atividades das disciplinas de Estágio Supervisionado 5: Espaço Escolar e Estágio Supervisionado 6: Espaço Escolar ofertadas pela Escola de Música e Artes Cênicas da Universidade Federal de Goiás (Emac/UFG). Articular epistemicídio e estágio requer uma análise dos fundamentos teóricos que norteiam o conceito de epistemicídio, seguida por uma exploração do contexto e da estrutura teórico-prática de ambas as disciplinas e do Cepae. A partir dessa base, foi possível analisar o impacto do epistemicídio nas diversas camadas da experiência de estágio, abrangendo tanto o planejamento curricular quanto as práticas pedagógicas em campo. Por fim, propõe-se uma análise crítica sobre a vivência no campo de estágio, apontando como as sutilezas do epistemicídio podem se manifestar nos ambientes educacionais.

**Palavras-chave.** Educação musical escolar, Estágio supervisionado, Epistemicídio.

**Title. The Hidden Melody: Echoing the Notes of Epistemicide in the Musical Education Internship.**

**Abstract.** This experiential account delves into the intricate connections between epistemicide and the activities of the Estágio Supervisionado courses offered by the Escola de Música e Artes Cênicas at the Universidade Federal de Goiás (Emac/UFG). Articulating epistemicide with these internships required a thorough examination of the theoretical underpinnings of the epistemicide concept, followed by a detailed exploration of the theoretical-practical framework of the courses and the Cepae itself. By establishing this foundation, the paper meticulously analyzes the multifaceted impact of epistemicide on the internship experience, encompassing both curricular planning and pedagogical practices in the field setting. Subsequently, a critical analysis of the internship experience is presented, highlighting how the subtle manifestations of epistemicide can permeate educational settings and influence the intern's experience.

**Keywords.** School music education, Supervised internship, Epistemicide.

## Introdução

No âmbito da educação, a busca por igualdade e justiça social é um desafio constante que demanda uma análise crítica das estruturas que definem o processo de construção do conhecimento. O paradigma do epistemicídio, como proposto por Carneiro (2005), revela a exclusão e descreditação sistemáticas dos conhecimentos produzidos por populações historicamente subjugadas. Esse conceito oferece uma lente analítica pertinente para investigar a presença ou ausência de vozes marginais no contexto educacional.

O presente artigo busca explorar e discutir o fenômeno do epistemicídio no ambiente escolar, especialmente em atividades de estágio curricular supervisionado, com foco na representatividade e inclusão de perspectivas negras e da herança africana. Por meio de uma análise crítica de uma experiência de estágio em educação musical, pretende-se examinar como o epistemicídio se manifesta em diferentes esferas educacionais, desde o planejamento curricular até as dinâmicas em sala de aula. Para tanto, realizar-se-á uma investigação dos fatores que contribuem para a marginalização do conhecimento produzido por populações negras e de herança africana.

A estrutura do artigo seguirá com uma revisão da literatura sobre o conceito de epistemicídio, explorando sua origem, fundamentos teóricos e suas implicações nas instituições educacionais. Posteriormente, será apresentado o contexto do estágio em aulas de música para uma turma do quinto ano e outra do quarto ano do ensino fundamental do Cepae da Escola de Música e Artes Cênicas da Universidade Federal de Goiás (Emac/UFG), onde as experiências de estágio se desenvolveram. A partir desse ponto, serão examinados os planos de ensino das disciplinas “Estágio Supervisionado 5: Espaço Escolar” e “Estágio Supervisionado 6: Espaço Escolar”; o Projeto Político-Pedagógico de Curso (PPC) do Cepae, e, depois, serão analisadas as relações entre o epistemicídio e as experiências vivenciadas no estágio.

A reflexão crítica decorrente desse relato permitirá compreender como o epistemicídio opera no contexto educacional e como ele afeta a representatividade, a inclusão e a valorização das contribuições negras. A conclusão deste estudo servirá como um chamado à ação, instando a necessidade de uma reformulação dos currículos, das práticas pedagógicas e da seleção de referências bibliográficas, visando promover uma educação que seja verdadeiramente inclusiva, diversa e equitativa.

## **Metodologia.**

A pesquisa adotou uma abordagem metodológica que integrou etnografia, observação participante e pesquisa-ação, visando compreender de maneira abrangente a dinâmica da prática escolar cotidiana e a operacionalização do epistemicídio no ambiente educacional. O estudo de caso foi conduzido no Centro de Pesquisa em Atividades Educativas (Cepae) da Universidade Federal de Goiás (UFG), envolvendo duas turmas do ensino fundamental de 5º e 4º anos durante os semestres letivos 2023/1 e 2023/2.

A coleta de dados foi realizada por meio de técnicas etnográficas, destacando-se a observação participante, registros escritos e análise documental. Durante o estágio em educação musical, foram registradas impressões, interações e dinâmicas vivenciadas em sala de aula, incluindo as atividades relacionadas ao ensino musical e à produção do musical "Nhanhá: ontem e hoje". Os documentos analisados abrangeram o plano de ensino das disciplinas "Estágio Supervisionado 5: Espaço Escolar" e "Estágio Supervisionado 6: Espaço Escolar", além do Projeto Político-Pedagógico de Curso (PPC) do Cepae.

A análise de dados seguiu uma abordagem crítica, fundamentada na perspectiva teórica do epistemicídio proposta por Carneiro (2005). A categorização das informações foi orientada pela identificação de elementos que refletissem a presença ou ausência de perspectivas negras e da herança africana nos documentos e na experiência de estágio. O trabalho de Queiroz (2021), que aborda a interação entre a cultura afro-brasileira e o ensino superior, foi de suma importância, destacando a falta de currículos e disciplinas sobre as culturas afro-brasileiras nas faculdades de música do Brasil.

Adicionalmente, a pesquisa-ação foi incorporada como uma metodologia ativa durante a intervenção nas turmas de 5º e 4º ano do estágio no 5. Essa abordagem, conforme discutido por Ghedin e Franco (2011), permitiu a tentativa de transformação da realidade por meio da reflexão crítica e da ação colaborativa. A pesquisa-ação proporcionou um processo contínuo de revisão e reflexão sobre a prática, envolvendo os sujeitos na construção de novos saberes e na participação ativa, reconhecendo a importância de sua contribuição para a compreensão e transformação das práticas educativas.

Em síntese, a metodologia adotada integrou a etnografia, observação participante e pesquisa-ação, permitindo uma análise abrangente da prática escolar e do epistemicídio, promovendo a reflexão crítica, a participação ativa dos sujeitos e a busca por novos saberes na área da educação musical.



## Sobre o epistemicídio

### A categoria de epistemicídio à luz de Carneiro (2005)

Para Carneiro (2005), o epistemicídio é um processo de destruição, desqualificação, silenciamento e inferiorização dos saberes e conhecimentos produzidos por povos e grupos sociais subalternizados. Esse processo é um elemento constitutivo do racismo, que tem como objetivo perpetuar a dominação e a exploração desses grupos racializados<sup>1</sup>. A autora entende o epistemicídio como um processo persistente, que se manifesta de diferentes formas, incluindo: a negação ao acesso à educação, sobretudo de qualidade; a produção da inferiorização intelectual do negro; os diferentes mecanismos de deslegitimação dos saberes negros sobre si e sobre o mundo; a desvalorização, negação ou ocultamento das contribuições do Continente Africano ao patrimônio cultural da humanidade.

Através da negação da história e da cultura afro-brasileira, a educação brasileira contribui para a perpetuação de estereótipos e preconceitos sobre a população negra. Isso se reflete em diferentes esferas da sociedade, incluindo a música, a educação, a política. Resumidamente, é necessário pontuar que para a autora o epistemicídio só pode acontecer por operar na sociedade um dispositivo de racialidade/biopoder. Segundo Carneiro (2005),

(...) o dispositivo de racialidade/biopoder (...) abarca tanto a produção de indivíduos e sujeitos coletivos subalternos, quanto o controle e/ou extinção dos corpos racializados considerados descartáveis. Do interior dessa unidade destaca-se o epistemicídio como elo de ligação de tecnologias disciplinares e de anulação. (...) Nessa dinâmica, o aparelho educacional tem se constituído, de forma quase absoluta, para os racialmente inferiorizados, como fonte de múltiplos aniquilamentos ou subordinação da razão. Dinâmica e produção que tem se feito pelo rebaixamento da auto-estima que compromete a capacidade cognitiva e a confiança intelectual, pela negação aos negros da condição de sujeitos de conhecimento, nos instrumentos pedagógicos ou nas relações sociais no cotidiano escolar, pela deslegitimação dos saberes dos negros sobre si mesmos e sobre o mundo, pela desvalorização, ou negação ou ocultamento das contribuições do Continente Africano ao patrimônio cultural da humanidade, pela indução ou promoção do embranquecimento cultural, etc. A esses processos denominamos, nesta tese, de epistemicídio (p. 323-324).

Em suma, para Carneiro o epistemicídio é mais amplo que o apagamento dos conhecimentos de um povo, ele também produz a exclusão da educação; a indulgência cultural e intelectual; tira desses povos a possibilidade de construir conhecimentos e saberes sobre si,

---

<sup>1</sup> Segundo Carneiro (2005), raça não é uma categoria científica, mas sim uma invenção. Dessa forma, o grupo dominante inscreve outros seres humanos sob o signo da raça, com a consequência da marginalização e subordinação desses grupos.

pois o lugar em que estão nas relação de poder não lhes permite construir um conhecimento validado. Para finalizar, há alguns exemplos de como o epistemicídio se manifesta na educação brasileira: a invisibilidade da história e da cultura afro-brasileira nos livros didáticos e nos currículos escolares; a desvalorização da língua e das religiões africanas; a criminalização das religiões e das culturas de matriz africana; a invisibilidade das mulheres negras na ciência, na arte e na cultura.

### **O epistemicídio no ensino superior conforme Queiroz (2021)**

É de suma importância observar as exclusões históricas e epistemicídios dos afro-brasileiros e seus conhecimentos dentro dos contextos educacionais brasileiros. Queiroz (2021) enfatiza a colonialidade, que marcou a institucionalização da música na educação formal no Brasil, bem como a omissão do conhecimento afro-brasileiro e africano na pesquisa e no ensino superior de música. O estudo do autor reconhece os esforços feitos no Brasil para abordar essa questão, incluindo: a institucionalização do ensino de história e cultura afro-brasileira e africana no currículo escolar, a implementação de diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e a criação de políticas de reserva de vagas no ensino superior para alunos de escolas públicas e afro-brasileiros.

Contudo, segundo o autor, o arcabouço curricular dominante no ensino superior de música, assim como seus corpos docentes e discentes, reflete uma supremacia branca e ocidental. Sobre os componentes curriculares dos cursos de graduação em música, ele demonstra que 98% deles abrangem música em geral e apenas 2% música afro-brasileira. Nota-se, portanto, à luz do trabalho de Queiroz, uma sub-representação da cultura, história e música afro-brasileira nas universidades de música no Brasil. Além de aniquilar o conhecimento dos grupos racializados, o epistemicídio também nega a esses grupos possibilidades de produzir conhecimento.

### **O estágio: uma parceria entre Emac e Cepae**

#### **O Estágio Supervisionado 5**

A disciplina de “Estágio Supervisionado 5: Espaço Escolar” do curso de Música-Licenciatura com habilitação em Educação Musical da UFG foi conduzida em um ambiente escolar, proporcionando a oportunidade de experimentar conhecimentos teóricos adquiridos ao longo do curso e desenvolver habilidades práticas na sala de aula. Como referencial teórico, foram abordados ao longo da disciplina os trabalhos de Ghedin; Oliveira; Almeida (2015) e

Aquino (2016; 2018). Também foi realizada a leitura coletiva do Projeto Pedagógico de Curso do Cepae (UFG, 2018)

A disciplina “Estágio Supervisionado 5: Espaço Escolar” tem carga horária de 96 horas sendo que 32 horas são aulas de orientação realizadas na EMAC e 64 horas acontecem em campo. No primeiro semestre de 2023, os três estagiários foram organizados para atuar no Cepae em aulas de música para uma turma do 5º ano do ensino fundamental sob a supervisão das professoras supervisora e orientadora.

O campo de estágio, o Cepae/UFG, conta com uma sala de música específica, que possui espaço adequado para as aulas e conta com vários instrumentos musicais como xilofones, metalofones, caxixis, piano, teclado, violões, bateria, baixo, pandeiros, dentre outros.

Uma das etapas significativas desse estágio foi a construção musical “Nhanhá: ontem e hoje” baseado na figura histórica de Nhanhá do Couto, relevante para a construção de bases que oportunizaram a fundação da Emac. Um momento especialmente problemático no transcorrer do trabalho com o musical ocorreu durante uma palestra ministrada para a turma do 5º ano. A palestra, que tematizava a vida e a obra de Nhanhá do Couto, revelou discursos de romantização da escravidão por parte da palestrante. Em resposta, uma intervenção pedagógica foi planejada coletivamente para abordar esses temas sensíveis e evitar a naturalização de práticas e discursos racistas entre as crianças, gerando discussões intensas na turma de estágio.

Nessa intervenção, planejada coletivamente e conduzida por mim duas aulas após a palestra, optei por uma abordagem interativa e participativa, na qual busquei incentivar o envolvimento ativo das crianças, a fim de apreender suas perspectivas individuais sobre a temática abordada e, assim, desvendar as tensões raciais inerentes à sociedade brasileira.

Durante os diálogos, observei a presença de uma percepção com ênfase nas divisões de classe. Os alunos reconheciam a limitação de direitos entre as pessoas mais pobres. Depois de muito tempo de discussão, eles perceberam que a pobreza e a condição da população negra no Brasil estavam interligadas. Encerrei a aula com uma apresentação musical de samba, uma prática tradicional nas matrizes africanas, onde a dança é muitas vezes utilizada como ponto de partida para o aprendizado musical.

Este momento proporcionou uma experiência cultural enriquecedora. Contudo, o encerramento desta intervenção não esteve isento de desafio. Houve uma fala problemática associando a cultura negra a atividades criminosas e marginalizadas. Essa situação exigiu pronta intervenção, na qual busquei trazer um exemplo contraditório, apontando para a existência de práticas festivas direcionadas à classe média alta, cujas perturbações sonoras em eventos locais afetam vários bairros em Goiânia. Este exemplo destacou a discrepância no



tratamento entre diferentes expressões culturais, demonstrando a necessidade de abordagens equitativas e conscientes.

A apresentação final do musical “Nhanhá: ontem e hoje” foi feita no teatro Belkiss Spenciére da EMAC/UFG no dia 18 de agosto de 2023. O musical contou com a participação especial de dois professores da EMAC e de um ex-estagiário convidado.

Esta experiência reforçou a importância da abordagem crítica e contextualizada no ensino musical. O estágio realizado no Cepae, por meio da disciplina “Estágio Supervisionado 5: Espaço Escolar” do curso de Música-Licenciatura com habilitação em Educação Musical da UFG, destaca a relevância das metodologias etnográficas e de pesquisa ação no contexto educacional. A etnografia da prática escolar nos permitiu desvelar os mecanismos do epistemicídio. A abordagem crítica e participativa adotada no desenvolvimento do musical evidenciou a importância da pesquisa na prática educativa, especialmente ao enfrentar questões sensíveis como as relacionadas às tensões raciais e sociais presentes na sociedade brasileira.

A experiência reforçou não apenas a necessidade de abordagens pedagógicas contextualizadas, mas também a importância do diálogo constante entre teoria e prática, destacando o papel fundamental da pesquisa na formação do educador musical. A pesquisa-ação também foi importante como um método que aborda o vínculo entre pesquisa e ação no cotidiano escolar. O estágio proporcionou não apenas o desenvolvimento de habilidades pedagógico-musicais em sala de aula, mas também uma reflexão profunda sobre a responsabilidade do educador na promoção da justiça social e na construção de horizontes emancipatórios para uma educação musical humanizadora (Aquino, 2017).

## **O Estágio Supervisionado 6**

A disciplina “Estágio Supervisionado 6: Espaço Escolar” também tem carga horária de 96 horas, sendo 32 horas de orientação e 64 horas em campo. Os três estagiários foram organizados para atuar no Cepae em aulas de música para uma turma do 4º ano do ensino fundamental sob a supervisão das professoras supervisora e orientadora. Como referencial teórico para a prática do estágio, houve Aquino (2017); André (2013); Ghedin e Franco (2011) e Krenak (2020).

O trabalho de André (2017) trata especificamente da etnografia no estudo da prática escolar cotidiana. A pesquisa etnográfica envolve o contato direto do pesquisador com a situação estudada, utilizando técnicas como a observação participante. Isso possibilita a reconstrução dos processos e relações que configuram a experiência escolar diária, revelando



encontros e desencontros. A pesquisa visa compreender os mecanismos de dominação, resistência, opressão e contestação presentes na dinâmica escolar. Destaca-se a importância de enxergar a escola como um espaço social onde ocorrem movimentos de aproximação e afastamento, recriação de conhecimentos e valores. O estudo da prática escolar não se limita a retratar o cotidiano, mas busca reconstruir suas dimensões, apontar contradições e recuperar sua vitalidade.

Outro texto interessante trabalhado nas orientações de estágio apresentou a pesquisa-ação como uma abordagem que visa à transformação da realidade por meio da reflexão crítica e da ação colaborativa. Ela se caracteriza por ser dialógica, participativa e transformadora, envolvendo os sujeitos da pesquisa em um processo de construção de conhecimento. Nesse sentido, a pesquisa-ação é vista como um processo pedagógico que possibilita a produção de novos conhecimentos a partir da reflexão sobre a prática e da ação transformadora (Ghedin; Franco, 2011).

Sobre as atividades em campo com a turma de quarto ano, na primeira aula foram trabalhados pulsação e ritmos, com alguns exercícios voltados para realizar pulsação e contá-la de forma organizada. Nas aulas seguintes, foi feita uma atividade para casa na qual os estudantes tinham que trazer músicas de 5 regiões do Brasil. A turma foi dividida em 5 grupos e cada grupo ficou com uma região: Norte, Nordeste, Centro-Oeste, Sudeste ou Sul. Cada aluno deveria trazer uma obra de algum compositor nativo da região do seu grupo. Depois, seria feita uma votação para ver qual música de cada região seria trabalhada. Eu fiquei com o grupo da região Centro-Oeste. Os alunos trouxeram as seguintes músicas: “Lama” do artista Kamaitachi; “Coração Cigano” interpretada por Luan Santana; e “Clima de Rodeio” interpretada por Ana Castela. A música escolhida pelo grupo foi “Clima de Rodeio”. Cada estagiário iria trabalhar uma dessas músicas com a turma.

Nas aulas seguintes, foi feito um intervalo no trabalho com as canções das regiões para que os estagiários planejassem suas aulas. Enquanto isso, a professora supervisora trabalhou a música, “O jardim da fantasia” com um arranjo feito para metalofones e xilofones. A turma foi dividida conforme as vozes que iriam tocar os xilofones e metalofones baixos, tenores, contraltos e sopranos. Tivemos aproximadamente três aulas para preparar os estudantes. Eu orientei dois estudantes que tocaram os metalofones baixos, responsáveis pelo acompanhamento harmônico.

Os dois alunos que eu estava orientando apresentaram muita dificuldade de tocar juntos, então eu trabalhei minha parte do arranjo no menor andamento possível, o que rendeu resultado, pois na terceira aula eles já tocavam bem. Porém, ao juntar toda a turma, a música



foi executada em um andamento bem mais rápido, logo eles tiveram dificuldade de acompanhar a turma toda. Depois desse dia, esse arranjo não foi mais trabalhado e sucedeu-se uma série de imprevistos.

Devido ao calendário anual da universidade - que está atrasado por causa da pandemia de 2020 - ao evento de jogos esportivos que aconteceu em todo Cepae, e à problemas de saúde da professora da turma, os estagiários só foram a campo até o dia 13 de dezembro e não até o final de janeiro conforme previsto. Portanto as visitas em campos no estágio 6 foram menores em relação ao Estágio 5.

Em suma, é notável que, durante o Estágio Supervisionado 6 no Cepae, a presença e abordagem das culturas afro-brasileiras não foram adequadamente contempladas nas atividades desenvolvidas. Apesar do embasamento teórico que enfatizava a importância da etnografia e pesquisa-ação na compreensão da prática escolar cotidiana, as dinâmicas em sala de aula e a escolha das músicas não refletiram a diversidade cultural do país de forma equitativa.

A escolha de música para representar as diversas regiões do Brasil foi o momento em que algumas músicas da cultura afro-brasileira apareceram; essa escolha foi feita pelos alunos e por suas famílias, porém não houve tempo para trabalhá-las. A falta de uma abordagem mais inclusiva pode ter contribuído para a ausência de elementos representativos das culturas afro-brasileiras na experiência pedagógica vivenciada durante o estágio. Essa lacuna ressalta a necessidade de uma constante reflexão sobre as práticas pedagógicas, visando a promover uma educação musical mais plural e alinhada com os princípios da igualdade cultural. O desafio de integrar de maneira mais efetiva as contribuições das culturas afro-brasileiras na educação musical permanece como uma área de desenvolvimento e aprimoramento na formação dos educadores.

## **O epistemicídio e sua operacionalização no estágio**

Esta seção objetiva problematizar o epistemicídio da cultura, das produções e das musicalidades afro-brasileiras nos documentos do estágio. Para isso, serão analisados os planos de ensino das disciplinas “Estágio Supervisionado X” de 2023.1 e “Estágio Supervisionado Y” de 2023.2 e o PPC do XXX. É importante para a análise tanto procurar elementos da cultura afro-brasileira nos documentos quanto evidenciar se há pessoas negras nos lugares de produção do conhecimento, pois, como é dito por Carneiro (2005) é impossível descreditar as formas de conhecimento das populações subjugadas sem também descredibilizar sua capacidade, tanto individual quanto coletiva, de serem sujeitos dotados de conhecimento.

## O epistemicídio na disciplina de Estágio 5

Na bibliografia do plano de ensino constam os seguintes textos:

**Figura 1 – Bibliografia do Plano de Ensino Estágio 5**

| 6. Bibliografia básica                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                           |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| PENNA, Maura. <i>Música(s) e seu ensino</i> . Porto Alegre: Sulina, 2008.<br>PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. <i>Estágio e Docência</i> . São Paulo: Cortez, 2011.<br>SOUZA, Jusamara. <i>Música, Cotidiano e Educação</i> . Porto Alegre: Programa de Pós-Graduação em Música do Instituto de Artes da UFRGS, 2000.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                          |
| 7. Bibliografia complementar                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     |
| BRITO, Teca Alencar de. <i>Koellreutter educador – o humano como objetivo da educação musical</i> . São Paulo: Petrópolis, 2001.<br>_____. <i>Música na Educação Infantil: propostas para a formação integral da criança</i> . São Paulo: Peirópolis, 2003.<br>CUNHA, Maria Isabel da. <i>O bom professor e sua prática</i> . Campinas, São Paulo: Papyrus, 1994. (Coleção Magistério: Formação e trabalho Pedagógico).<br>HERNÁNDEZ, Fernando. <i>Transgressão e mudança na educação: os projetos de trabalho</i> . Porto Alegre: ArtMed, 1998.<br>LIBÂNEO, José Carlos. <i>Didática</i> . São Paulo: Editora Cortez, 1991.<br>LOUREIRO, Alicia Maria Almeida. <i>O ensino de Música na escola fundamental</i> . Campinas: Papyrus, 2003.<br><br>AQUINO, Thaís Lobosque. Música, estágio e pesquisa: ações formativas com o tema Mulheres na Música. <i>Textos FCC</i> , São Paulo, v. 55, p. 79-145, nov. 2018.<br>_____. <b>Projeto de pesquisa:</b> Epistemologia da Educação Musical Escolar: possibilidades para os saberes musicais nas escolas de educação básica brasileiras. Goiânia, 2016.<br>GHEDIN, Evandro; OLIVEIRA, Elisângela S. de; ALMEIDA, Whasqthon A. <b>Estágio com Pesquisa</b> . São Paulo: Cortez, 2015.<br>UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS. <b>Projeto Político-Pedagógico do CEPAE/UFG</b> . Goiânia: UFG/Cepae, 2018. |

Fonte: Plano de ensino Estágio 5

Dos textos que constam nas bibliografias básica e complementar foram trabalhados apenas os quatro últimos, incluídos pela professora orientadora. Porém, nenhum dos textos do plano aborda temas como raça ou a herança africana para a cultura, a ciência, a educação ou a música. Nenhuma das autoras e autores são pessoas negras.

## O epistemicídio na disciplina de Estágio 6

**Figura 2 – Bibliografia do Plano de Ensino Estágio 6.**





#### 6. Bibliografia básica

PENNA, Maura. *Música(s) e seu ensino*. Porto Alegre: Sulina, 2008.  
PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. *Estágio e Docência*. São Paulo: Cortez, 2011.  
SOUZA, Jusamara. *Música, Cotidiano e Educação*. Porto Alegre: Programa de Pós-Graduação em Música do Instituto de Artes da UFRGS, 2000.

#### 7. Bibliografia complementar

BRITO, Teca Alencar de. *Koellreutter educador – o humano como objetivo da educação musical*. São Paulo: Petrópolis, 2001.  
\_\_\_\_\_. *Música na Educação Infantil: propostas para a formação integral da criança*. São Paulo: Peirópolis, 2003.  
CUNHA, Maria Isabel da. *O bom professor e sua prática*. Campinas, São Paulo: Papirus, 1994. (Coleção Magistério: Formação e trabalho Pedagógico).  
HENTSCHKE, Liane & OLIVEIRA, Alda de. *Avaliação em Música: reflexões e práticas*. São Paulo: Moderna, 2003.  
LIBÂNEO, José Carlos. *Didática*. São Paulo: Editora Cortez, 1991.  
TURRA, Clódia Maria Godói et al. *Planejamento de ensino e avaliação*. Sagra: Luzzatto, 1998.

#### Outras sugestões bibliográficas:

AQUINO, Thaís Lobosque. Saber musical sensível nas escolas de educação básica brasileiras: perspectivas, dimensões e fundamentos. *Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação*. Dossiê “Teoria Crítica e Educação na atualidade: olhares plurais”, Brasília, n. 29, p. 116-136, nov. 2017/abr. (Texto 1)  
ANDRÉ, Marli Eliza D. A. Etnografia e o estudo da prática escolar cotidiana. In: \_\_\_\_\_. *Etnografia da prática escolar*. 18 ed. Campinas: Papirus. (Texto 2)  
GHEDIN, Evandro, FRANCO; Maria Amélia Santoro. A pedagogia da pesquisa-ação. In: \_\_\_\_\_. *Questões de método na construção da pesquisa em educação*. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2011. (Texto 3)

\_\_\_\_\_. Livro literário sobre tema a ser escolhido pela turma (Texto 4)

\_\_\_\_\_. Texto científico sobre tema a ser escolhido pela turma (Texto 5)

Fonte: Plano de ensino estágio 6

Não há nenhum texto que consta nas bibliografias básica e complementar que aborde temas como raça ou a herança africana para a cultura, a ciência, a educação ou música. Nesse semestre, foi adicionado o livro de pesquisador indígena Ailton Krenak “A vida não é útil”. Porém os grupos racializados ainda continuam sub-representados, apesar da inclusão deste texto.

### O epistemicídio no PPC do Cepae

Na pesquisa junto ao PPC do Cepae foram levantadas quantas palavras relacionadas a África ou a cultura afro-brasileira estão presentes no documento. Também foi feita uma busca na internet pelas fotos dos pesquisadores e/ou por sua bibliografia. No documento, a palavra África aparece nos planos de ensino das disciplinas doze vezes. A primeira e segunda vez são no plano de ensino de Artes no 1º e 2º ano do ensino fundamental, com a seguinte referência: “FEIST, Hildegard. *Arte africana*. São Paulo: Moderna, 2010” (UFG, 2018, p. 43 e 52). Feist, que fala de dentro da academia e, portanto, possui uma fala “legitimada” sobre a arte africana, é uma pessoa com sobrenome de ascendência europeia, porém não foi possível encontrar imagens dela.



A terceira vez que a palavra aparece nas referências bibliográficas é na disciplina de História do 6º ano do fundamental. Dessa vez, a autoridade é um intelectual africano “M’BOKOLO, Elikia. África Negra. História e Civilizações. Tomos I. Bahia: Ed. UFBA; SP: Casa da África, 2009” (UFG, 2018, p. 109). Depois, essa palavra aparecerá mais nove vezes nas ementas das disciplinas, porém somente em duas delas estão evidentes os referenciais bibliográficos que serão trabalhados.

Ao pesquisar o termo raça, nota-se que ele aparece treze vezes. Doze dessas vezes o termo está nos planos de ensino da disciplina de Educação Física dos 1º, 2º, 3º, 4º, 5º, 6º, 7º, 8º, 9 anos do fundamental e 1º, 2º, 3º anos do ensino médio. Raça ainda aparece uma vez no plano de ensino de Sociologia para o 1º ano do ensino médio. Nos referenciais bibliográficos dessas matérias a situação se repete, apenas uma pesquisadora é negra.

Ao pesquisarmos o prefixo “afro” temos duas menções. A primeira na disciplina de História do 7º ano do fundamental com a obra “CARDOSO, Ciro. A Afro-América: a escravidão no Novo Mundo. São Paulo: Brasiliense: 1982” (UFG, 2018, p.126). A segunda vez também é no plano de ensino da disciplina de História do 9º ano do ensino fundamental: “MATOS, Regiane Augusto de. História e cultura afro-brasileira. São Paulo: Contexto, 2008.” (UFG, 2018, p.158). Quanto a questão de pessoas negras como produtoras do conhecimento também não há ninguém para mencionar aqui.

Ao pesquisarmos a palavra “raciais” ela aparece uma vez no plano de ensino da disciplina de História do 7º ano do fundamental. Ao consultar o referencial bibliográfico da matéria, não há autoridades negras ou de grupos racializados.

Também se nota que a palavra racismo não é mencionada nenhuma vez no PPC. Quanto à disciplina música não foi encontrada nenhuma das palavras mencionadas acima e também não há pessoas negras nas referências bibliográficas.

Diante da análise realizada, é possível extrair algumas considerações sobre a presença e representação da temática afro-brasileira no Projeto Político-Pedagógico (PPC) do Cepae. Observa-se que, mesmo que palavras relacionadas à África ou à cultura afro-brasileira apareçam no documento, elas estão sub-representadas nos planos de ensino das disciplinas, evidenciando uma lacuna significativa.

Além disso, a alta presença de pesquisadores brancos nos referenciais bibliográficos dessas disciplinas revela uma carência notável de diversidade de vozes e perspectivas. A limitada presença do termo "raça" nas ementas e referenciais bibliográficos, denota uma necessidade urgente de ampliar a abordagem sobre essa temática.

Na área específica da educação musical, a inexistência de menções às palavras analisadas e à ausência de representação negra nas referências bibliográficas ressaltam a importância de uma reflexão mais aprofundada sobre a diversidade e inclusão no contexto das aulas de música do Cepae.

## **Conclusão**

Foi revelada uma lacuna significativa na abordagem das temáticas africanas e afro-brasileiras no ambiente educacional do Cepae e da EMAC/UFG, refletindo-se tanto nos documentos oficiais quanto nas práticas de estágio. A ausência de perspectivas negras e da herança africana nas referências bibliográficas e nos conteúdos programáticos das disciplinas de estágio e da disciplina música do Cepae evidencia a perpetuação de estruturas epistemológicas que marginalizam esses conhecimentos.

A análise dos planos de ensino e do PPC do Cepae demonstra uma falta de diversidade nos referenciais teóricos, contribuindo para a perpetuação do epistemicídio. A supremacia de autores brancos e a sub-representação da cultura negra nas bibliografias sugere a necessidade de uma revisão profunda nos currículos e práticas pedagógicas, visando à construção de uma educação inclusiva, diversa e equitativa.

É interessante notar que mesmo havendo a Lei 10.639/2003, as pessoas e culturas de herança africana ainda seguem sub-representadas nos currículos e bibliografias analisados. O trabalho de Queiroz (2021) traz dados preocupantes para o ensino superior de música no Brasil, que, segundo o autor, tem a pior estatística quanto a presença de estudantes e professores negros e presença de cultura afro-brasileira nos currículos. O epistemicídio está conseguindo ser mais forte que a lei!

Os resultados deste trabalho fornecem subsídios para um chamado à pesquisa-ação, instando a necessidade de reformulação dos currículos, práticas pedagógicas e seleção de referências bibliográficas. A conscientização sobre a operacionalização do epistemicídio no ambiente educacional é fundamental para promover mudanças significativas e combater as desigualdades raciais. Em última análise, este estudo contribui para o diálogo acadêmico e social sobre a importância de desconstruir as estruturas que perpetuam as desigualdades no ambiente educacional.

## Referências

ANDRÉ, Marli Eliza D. A. Etnografia e o estudo da prática escolar cotidiana. In: \_\_\_\_\_. *Etnografia da prática escolar*. 18 ed. Campinas: Papirus.

AQUINO, Thaís Lobosque. *Projeto de pesquisa: Epistemologia da Educação Musical Escolar: possibilidades para os saberes musicais nas escolas de educação básica brasileiras*. Goiânia, 2016.

AQUINO, Thaís Lobosque. Saber musical sensível nas escolas de educação básica brasileiras: perspectivas, dimensões e fundamentos. *Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação*. Dossiê “Teoria Crítica e Educação na atualidade: olhares plurais”, Brasília, n. 29, p. 116-136, nov. 2017/abr.

AQUINO, Thaís Lobosque. Música, estágio e pesquisa: ações formativas com o tema Mulheres na Música. *Textos FCC*, São Paulo, v. 55, p. 79-145, nov. 2018.

BRASIL. *Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003*. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/110.639.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm) Acesso em: 27 jan. 2024.

CARNEIRO, Aparecida Sueli. *A Construção do Outro como Não-Ser como fundamento do Ser*. Feusp, 2005. Universidade de São Paulo.

GHEDIN, Evandro; FRANCO, Maria Amélia Santoro. A pedagogia da pesquisa-ação. In: \_\_\_\_\_. *Questões de método na construção da pesquisa em educação*. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2011.

GHEDIN, Evandro; OLIVEIRA, Elisangela Silva de; ALMEIDA, Whasgthon, Aguiar de. *Estágio com pesquisa*. São Paulo: Cortez, 2015.

KRENAK, Ailton. *A vida não é útil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

QUEIROZ, Luís Ricardo Silva. Afro-Brazilian Culture in Higher Music Education: Analyses from a Trajectory of Exclusions and Epistemicides. In: *International Contributions To Diversity in Music Education Research Proceedings of the 28th International Seminar of the ISME Research Commission*. Jyväskylä. University of Jyväskylä. 2021.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS. Projeto Político-Pedagógico do CEPAE/UFG. Goiânia: UFG/Cepae, 2018